

A bordo dos dias

On board days

A bordo de los días

Grupo Vaga-mundo: poéticas nômades

Karina Dias  

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

karinadias.net@gmail.com

Júlia Milward  

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

juliamilward@gmail.com

Levi Orthof  

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

levi.orthof@gmail.com

Ludmilla Alves  

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

ludzilla@gmail.com

César Becker  

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

cesarfloresbecker@gmail.com

Tatiana Terra  

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

tterra@gmail.com

Luiz Olivieri  

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

olivieribsb@gmail.com

Resumo:

Em “A bordo dos dias” propomos, a partir de nossas anotações, croquis, registros fotográficos e videográficos, compor um artigo como um diário de bordo dialógico, escrito coletivamente. Nesta relação da viagem realizada com a escrita e as poéticas contemporâneas surgem aproximações entre muro/fronteira, estrangeiro/residente, hospitalidade/hostilidade, território/poder, espaço público/privado, Norte/Sul, experiência/relato. Assim, esse caderno nômade que tradicionalmente acompanha viagens, torna-se, para artistas viajantes, uma reflexão teórica, poética, e uma maneira de responder à pergunta de Baudelaire: “diga, o que você viu?”. O diário de bordo é também a viagem.

Palavras-chave: poéticas da viagem; diário de bordo; volta ao mundo.

Abstract:

In “A bordo dos dias” (“On board days”) we propose, from our notes, sketches, photographic and videographic records, to compose an article like a dialogical logbook, written collectively. In this relationship of the journey carried out with writing and contemporary poetics, approximations arise between wall/border, foreigner/resident, hospitality/hostility, territory/power, public/private space, North/South, experience/report. Thus, this nomadic logbook that traditionally accompanies travel becomes, for traveling artists, a theoretical, poetic reflection, and a way of answering Baudelaire’s question: “Tell me, what did you see?”. The logbook is also the journey.

Keywords: travel poetics; logbook; around the world.

Resumen:

En “A bordo dos dias” (“A bordo de los días”) proponemos, a partir de nuestras anotaciones, bocetos, registros fotográficos y videográficos, componer un artículo como un diario de bitácora dialógico, escrito colectivamente. En esta relación del viaje realizado con la escritura y las poéticas contemporáneas, aparecen aproximaciones entre muro / frontera, extranjero / habitante, hospitalidad / hostilidad, territorio / poder, espacio público / privado, Norte / Sur, experiencia / relato. Así, este cuaderno nómada que tradicionalmente acompaña a los viajes se convierte, para los artistas

itinerantes, en una reflexión teórica, poética, y una forma de responder a la pregunta de Baudelaire: “Dime, ¿qué viste?”. El diario de a bordo es también el viaje.

Palabras clave: *poética del viaje; diario; vuelta al mundo.*

Ao longo de 1080 dias, o grupo de artistas-pesquisadores “Vaga-mundo: poéticas nômade” (CNPq/UnB) teve como objetivo realizar uma volta ao mundo, a pé, sem sair de Brasília, o que compreendeu expedições aos Setores de Embaixadas Sul e Norte da cidade. Munidos da noção de que a viagem expande a compreensão que temos dos lugares, porque desperta o desejo por percepções inusitadas, a proposta do grupo é manter o espírito viajante no cotidiano mais absoluto, aquele que entorpece porque se repete dia após dia, que anestesia porque não vemos mais os espaços que nos envolvem. Seríamos então como um viajante/caminhante/estrangeiro que passeia pelas ruas, com um olhar alerta e atento aos detalhes, cuja vocação estaria em olhar a sua cidade, concebendo, assim, um mundo a partir do que vê? Uma cidade-mundo estaria lá, disponível a esse viajante.

Entre 2016 e 2019 caminhamos juntos, percorremos distâncias variadas, compreendemos que o espaço se desenhava em função de nossos deslocamentos, de nossa presença e de nossos afetos. Como então contar essa viagem coletivamente? Com quantos relatos se narra uma viagem? Criar em grupo um pensamento-em-viagem solicita muitos pontos cardeais, uma rosa dos ventos que dê conta, a um só tempo, de muitos vocábulos, de muitos lugares. Como artistas, nos questionamos sobre as formas de registrar a experiência da viagem em sua relação com a experiência poética. Entre distintos procedimentos está o diário de bordo, que determina localizações, informações meteorológicas, ressonâncias afetivas com os lugares.

Em “A bordo dos dias” propomos, a partir de nossas anotações, croquis, registros fotográficos e videográficos, compor um artigo como um diário de bordo dialógico, escrito coletivamente. Nesta relação da viagem realizada com a escrita e as poéticas contemporâneas surgem aproximações entre muro/fronteira, estrangeiro/residente, hospitalidade/hostilidade, território/poder, espaço público/privado, Norte/Sul, experiência/relato. Assim, esse caderno nômade que tradicionalmente acompanha viagens, torna-se, para artistas viajantes, uma reflexão teórica, poética, e uma maneira de responder à pergunta “diga, o que você viu?”, feita por Baudelaire em 1861. O diário de bordo é também a viagem.

Das vistas e outras elaborações dos viajantes

Karina Dias = K.D.

Levi Orthof = L.A.O.

Ludmilla Alves = L.A.

Júlia Milward = J.M.

Luiz Olivieri = L.O.

Tatiana Terra = T.T.

César Becker = C.B.

Do impulso da viagem

Figura 1: Volta ao mundo realizada pelo grupo “Vaga-mundo: poéticas nômades” entre 2016-2019. Setor de Embaixadas. Brasília, DF. Foto: Íris Helena



J.M.: Partir de um vocábulo interior, fixar um início, andar sobre nomes.

A viagem começa com a palavra-partida, aquela que propulsiona, que projeta, que faz girar. “O desejo da viagem se alimenta dos fantasmas literários e poéticos” (ONFRAY, 2012, p. 23), “começa na biblioteca” (ONFRAY, 2012, p. 25), no espaço plano da página, do mapa, da imagem. Emocionados (do latim *emovere*: e-, variante de ex, significa fora; *movere*: significa movimento), os viajantes trancam o espaço fixo e se lançam para o fora. Transformam a palavra-partida em palavra-ponto no globo terrestre de imagens aglomeradas, uma massa esférica composta de coisas, suspensa no horizonte oceânico. O vislumbre do início foram nomes de alhures ancorados nos geométricos terrenos de solo vermelho das vias expressas de Brasília. A organização

das embaixadas parece orientada pela receita de Tristan Tzara “para fazer um poema dadaísta”¹, e nesse mapa-múndi o México faz fronteira com o Líbano, a África do Sul com o Reino dos Países Baixos, a França com os Estados Unidos da América.

L.A.O.: Como posso te contar sobre essa viagem? Os vistos e não vistos. Descrever os titubeios das fronteiras. Sim! Embarcamos em tempo-maré: 3, 7, 11 voltas. Nessa volta ao mundo, saltamos na medida-janela. Uma distância internacionalmente acordada a um metro e vinte centímetros do chão. As embaixadas não têm janelas. Andar-mundo sem bordas, sem margem? Acionamos a fotografia para margear nossa caminhada. Como nos ensina Wim Wenders no filme *Janela da Alma* (2001), olhamos através da moldura dos óculos. O tempo e os meridianos renovam-se a cada noite. Caminhamos sobre as linhas das fronteiras, é preciso o aprimoramento da língua para dar conta desse outro modo de viagem. O artifício das fronteiras quase se rompem. Mundo-mapa. Dobrado em tantas voltas que países e continentes criam uma vizinhança impossível e, no entanto, estão ali, diante de nós. Como dar conta dessa volta ao mundo? Conto: 1080 dias. 40 luas. 12 nós de vento. 9 pernas. 5 olhos. 1 pé que sobra e salta. 3 anos a escalar vagalhões. Abrir clareiras como rodovias para o vento. Escutar estranhas vibrações. Olhar-Sul. Abre-te sésamo entre as rotas das raízes. Terra, capim, areia, água e a noite sempre à espreita. Notações sobre dragões no mar. Passamos por embaixadas que, com o correr do tempo, deixaram de existir. Sacudir as pedrinhas e outros vestígios do bolso durante a volta para casa. Quem é você no vento?

K.D: Seria essa faísca inquieta, eternamente presente em nós, que nos põe a caminho? Se temos o mesmo sangue das estrelas², esse cosmos que está em nós nos lembra que estamos em movimento. Talvez resida aí o desejo de espaço, de espaçar-se, distanciar-se, “ganhar terreno” (HOCQUARD, 1997, p. 11). “Caminhei, despertando os hálitos vivos e mornos, e as pedrarias olharam e as asas se ergueram sem ruídos” (RIMBAUD, 2009, p. 306). Numa volta ao mundo, nunca viajamos sós, levamos sempre a sombra dos lugares habitados. A viagem impõe um ritmo: conhecer territórios, caminhar sob o sol estrangeiro, estar do lado de fora, avistar bandeiras e brasões. Responder às mesmas perguntas: o que fazem aqui? “O espaço é [sempre] uma dúvida” (PEREC, 2000, p. 179) cuja questão que não cessa de nos provocar é a do lugar que ocupamos, o onde estamos. Poderia contar das lendas, descrever detalhadamente a paisagem, contar sobre os lugares, expor nossas intenções, fazer anotações diárias, contar aonde não ir e

o que fazer. Porém “indomesticável é o destino” (FONTELA, 2015, p. 237). Não se abandona a viagem. Aprender que os tempos são distintos, que os passos se perdem em meio às fronteiras esfumaçadas. É surpreendente quando um país aparece, quando desponta em nossa direção. Há países que só encontramos no último instante e tantos outros que desapareceram no horizonte. Há aqueles que parecem mudar de lugar. Há países que não existem. Descobri que as árvores também são estrangeiras. Seguir as rotas piratas.

L.A.: Às vezes tenho a impressão fugidia de que o que fizemos, e ainda fazemos, foi, é: voltar. Dar voltas em torno de onde não chegamos a ir. Uma volta ao mundo pelas embaixadas, realizada do lado de fora das embaixadas. A caminhada acontecia ao largo dos países todos e, por isso, o diário da viagem é, para mim, o diário da margem da viagem. A palavra “volta”, substantivo feminino, convoca em geral um movimento redondo, um retorno. Mas o desenho de nossos passos, se traçado, seria mais próximo do irregular, descontínuo, segmentado. Nossos segmentos de volta eram então espécies de *rounds* passando por vistas, gramados, placas e a sensação de volta-e-meia, andar por indícios de uma cidade extinta ou por lugar nenhum. Ter visto o mundo através de muros, portões mais ou menos ornamentados, cercas esporadicamente disfarçadas de jardins e alguns fragmentos de jardins entre grades. Nossos passos rodeavam fronteiras. Um mundo não menos inventado que outro. Do lado de fora, o mundo era mesmo outro: mistura de cosmos, restos, árvores e rios subterrâneos que apareciam com a indiferença das coisas só encontradas no aberto e cujos nomes, ao mesmo tempo, nos espreitam e escapam.

L.O.: Uma viagem que seria a busca por uma escrita, a busca por uma palavra que se fizesse respiração, um querer poesia, um desejo de encher de vida os ouvidos, de abrir novos caminhos na cidade, novas frestas. Querer os espaços, requerer a posse, solicitar os espaços, investigar, espionar, (in)quirir o lugar, por meio do desejo da palavra, a palavra-ar, a (re)quirição do espaço, interferir na sintaxe espacial.³ A palavra do desejo da escuta, de inventar sons. Deixar territórios sonoros e atravessar barreiras, tocar distâncias. Como Roland Barthes (2004) diz: a escuta não tem mais a obrigação de compreender os sons, mas de tocar em espaços desconhecidos. Grafar-gravar esses sons, ter a experiência tátil dos países, mapear a viagem em sons, *sondiar* (OLIVIERI, 2021).

T.T.: Uma viagem impulsionada pelo imprevisto. Percorrer o mundo em uma cidade, caminhar por entre países, andar ao encontro do imprevisível, orientados pelo céu, pelo chão e pelos rastros, na vastidão. Ir por onde os caminhos convidam. Pisar territórios estrangeiros e deixar que eles se apresentem a partir do movimento do corpo andante. Cartografar vazios e matérias reveladas. Construir, dissolver, conceber rotas. Atravessar fronteiras por passadas, cruzando continentes no mar de terra vermelha.

C.B.: Um lugar que guarda todos os países e territórios do mundo é constituído principalmente de muros. Países como pontos de fuga. Inalcançáveis. Os muros marcam suas distâncias e territórios, guardam o lado de fora, *o exterior*. Em todo esse percurso, nada se possui, nunca se chega em lugar algum, carregamos apenas a nossa própria distância⁴. A única coisa possível de possuir daqueles que nunca partem e nunca chegam. De muro em muro então se constituiu um trajeto; um entre-muros que se tornou o propósito e única direção possível desta viagem. Nos distribuímos pelos largos descampados, ocupamos, habitamos as frestas e as fissuras como possibilidade de atravessar fronteiras. Seguimos. E aí residiu nosso princípio territorial; descompassado, entrecortado, deslocado e vago. Nos agarramos nesse espaço entre fronteiras da ordem da imaginação, da especulação e do absurdo; lugar onde os muros desabam, recuam e se abrem os espaços vacantes.

Do ponto em que as coisas nos tocam

Figura 2: Volta ao mundo realizada pelo grupo “Vaga-mundo: poéticas nômades” entre 2016-2019. Setor de Embaixadas. Brasília, DF. Foto: Íris Helena



K.D: “Vocês, palavras, levantem, sigam-me e quando tivermos ido longe demais, iremos ainda mais longe, isso não tem fim...”, escreve a poeta Ingeborg Bachmann (BACHMANN, 2020, p. 127). O que resta quando a linguagem silencia? O vento, a respiração, a distância entre os corpos que se movem, os muros brancos que nos acompanham ao longo da viagem como se perenes fossem. Palavras miúdas ditas pelo caminho, inaudíveis porque, em movimento, são como os invisíveis detalhes que compõem um percurso. Como as flores que ficam na beira da estrada sem nome ou prestígio e que nos lembram que o próximo pode ser um vasto mundo. Quantas palavras contêm o horizonte e guardam a paisagem vivida? Reencontrar a língua do espaço. Formular efêmeros enunciados. Lembrar que mover exige coragem. Das coisas às palavras, sempre em movimento, sempre movediças. “Como os nomes suportam portar os anônimos?”, indaga novamente a poeta (BACHMANN, 2020, p. 25). Ficar com as palavras que tocam. Anotei palavras e gestos. Durante 1080 dias me inclinei para pegar um pouco de terra. Cada país é um pedaço de terra vermelha impressa em um moleskine. Cada país tem o tamanho do meu polegar.

C.B.: Um ponto. O ponto é a origem. Kandinsky (1996) nos lembra em sua teoria das formas, o ponto seria o equivalente ao Zero, uma ideia de concisão absoluta, uma expressão do silêncio, nascida na escrita. Algo que interrompe. Uma pausa. Quais os pontos, os intervalos e as pausas que nos guiam através dos caminhos? Pontos de interesse? Pontos de encontro? Pontos de vista? Em volta de muros, me orientava sempre em direção aos descampados, ali meus olhos se detinham nas pedras encontradas no caminho. Como escultor, estas pedras convocavam minhas mãos forçosamente à sua coleta. Ao retirá-las, parcialmente submersas da terra, o chão se revelava marcado pelo seu peso, textura e densidade; como se, na verdade, estas pedras brotassem ali diretamente destes moldes na relva. E no limiar dos territórios e fronteiras, coletando estas pequenas pedras, passo a ser acometido por uma grande descoberta: tão diferentemente de qualquer um daqueles territórios que guardavam países inteiros, estes pequenos moldes vazios preservavam uma noção de território distante dos cantos dos hinos, dos muros erguidos e das bandeiras hasteadas. Pois, não há limites e imposições de territórios que separam estas pedras da Terra. Suas fronteiras repousam sobre um conjunto de correlações: do que a pedra, com seu peso, comunica ao chão. Território como este invisível limite, que nos lembra dos nossos laços atados com a Terra.

L.A.: Nome após nome, o mundo de nossa volta ao mundo continua a aparecer de tal forma que o relato se aproxima dos gestos de “nomear constelações – submeter os astros à palavra” (FONTELA, 2006, p. 106), “fixar estrelas num mapa móvel” (FONTELA, 2006, p. 106). A constelação ainda-não-formada por essas vistas teria algo do que descreve o personagem Austerlitz a respeito de uma pintura⁵ na qual “o pequeno acidente, que passou despercebido da maioria dos espectadores, continuasse a se repetir mais e mais vezes” (SEBALD, 2008, p. 18). Re-vejo anotações, fotografias, camadas acumuladas. Imaginando compor uma pintura onde as coisas não deixam de aparecer, re-torno à viagem: noto animais, caravelas, estrelas. No Suriname, dois indígenas desenhados com arcos e flechas a tiracolo. O Kasaquistão é dourado. No Benim há máscaras, coqueiro, castelo, onças. Pássaros e cabras no brasão da Namíbia. Na República Socialista do Vietnã, um aviso fixado no muro informa que a embaixada estará fechada de 4 a 8 de fevereiro de 2019, devido ao Ano Novo Lunar”. Escrevo no dia 2 de fevereiro de 2021 e me pego assaltada pela coincidência de que, numa outra espécie de volta, estamos de novo à porta do ano novo do oriente.

J.M.: As placas de orientação veicular posicionadas na entrada do estacionamento público de cada embaixada são sem verso ou anverso. São sinalizações retangulares, de largura panorâmica, divididas em dois campos desiguais: o do lado esquerdo, com fundo branco e 1/3 da superfície destinada à inserção da bandeira representativa da embaixada; o do lado direito de base azul corresponde aos 2/3 restantes da placa, uma área reservada às letras brancas que formam o nome da nação traduzido para o português. O estacionamento é o entre, a delimitação, a borda. Apesar de não haver placas de proibido estacionar, trata-se de uma zona de tensão. Nessa faixa de terra vermelha, os de dentro espreitam os de fora e observam possíveis movimentos aberrantes.

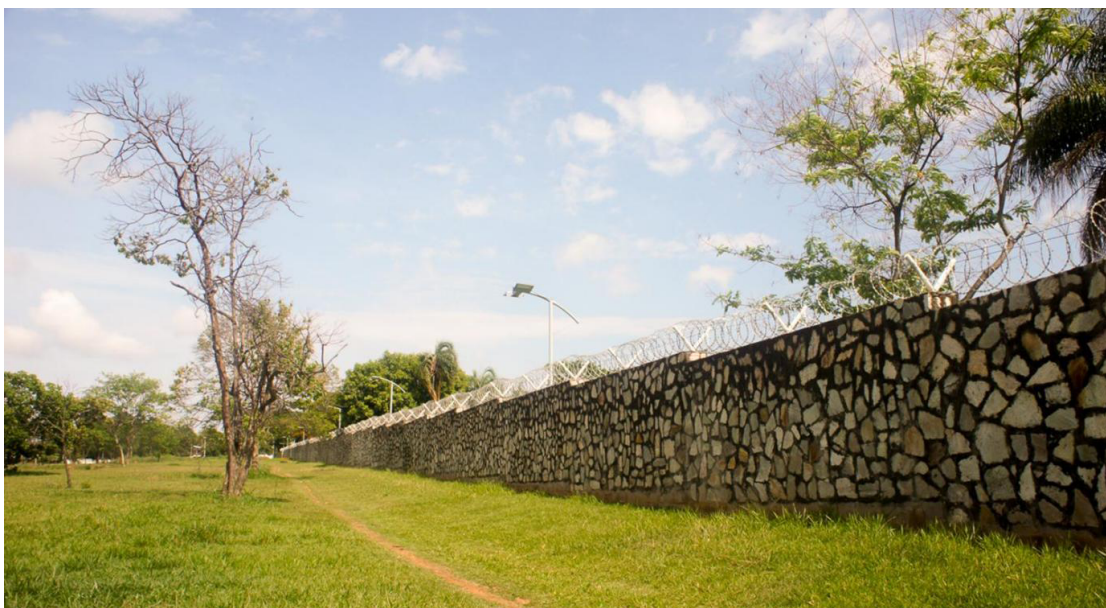
L.A.O.: As viagens colidem, há desastres e perigos tão logo saímos de casa. Entre voltas podemos nos acostumar a desabitar. A primeira paisagem, uma nuvem de poeira cega por um ou dois segundos. Primeiros desastres sobre pequenas matérias. As tempestades de areia, vento ou água viram o tabuleiro e o mundo demora-se em retornar. Apontar o dedo para o caminho; apontá-lo para o vento. Abrir espaço e caminhar.

L.O.: Não se chega nunca. Palavras não chegam, talvez, nunca chegariam, permanecíamos margeando longe, depois de alguns dias de vazio, não havia sons dos paí-

ses, estávamos sempre margeando as palavras, de estacionamento a estacionamento, de vazios em vazios, de silêncios em silêncios, que tentávamos preencher⁶. Um rol de sons indecifráveis, os países se fortalecem pelos seus enigmas, pelos seus sons burocráticos, por uma voz de interfone, que não papeia, que não quer saber o que você tem a dizer, que não lhe dá espaços. O país não permite que a gente se escute, torna o horizonte seco suficiente para que qualquer hipótese de grito não ecoe, para que não possamos ressoar, para que a natureza não seja sonoridade, para que as palavras enviadas não retornem. A burocracia controla o brio, o país é um cartório.

Das baldeações

Figura 3: Volta ao mundo realizada pelo grupo “Vaga-mundo: poéticas nômades” 2016-2019. Setor de Embaixadas. Brasília, DF. Foto: Íris Helena



K.D: Todo mapa é uma sombreada paisagem. Uma nota. Um esboço. Uma mirada. Uma mirada forasteira. Uma vista intrusa ao nome. Possibilidade de medida e efêmero contorno. Uma página para um atlas. O projeto para um globo. Quantos são os percursos, as horas vividas, os dias habitados, as luzes meridianas⁷, o que não está posto? Qual o centro do mapa? Nesse desejo de [não] fixar a viagem seguir o rastro de sua paisagem, embaralhar vizinhanças, percorrer o mundo ... mapa-odisseia. A terra não cabe num mapa, tampouco as palavras não ditas e a história abandonada como um mato selvagem que encobre toda paisagem esquecida. O que dizem as vizinhanças

silenciosas aos ruídos que vêm do Sul? De terra em terra, percorrer os lugares como se intrusos não fôssemos, nessa impossibilidade permanente, somos estrangeiros aos espaços, mesmo os mais fraternais. Nessa cidade que se tornou mundo, há muitos nomes para os ventos, há muitos nomes para os lugares. O movimento foi sempre o mesmo, atravessar uma faixa de terra, estar à margem, entrever um continente imaginado, caminhar de um lado para o outro, repetidamente, num ritornelo, sem começo nem fim. Dar a volta ao mundo sem sair do lugar, cartografar distâncias oceânicas, fronteiras longínquas e estranhos nomes. Somos uma coordenada, um ponto (i)móvel? Estar sempre à beira dos lugares para quem sabe encontrar um país, colocá-lo em movimento, encontrar a sua geografia, nomear montes, rios, montanhas, lagos, um pedaço de terra. Nesse mundo “da proximidade que recua, do longínquo que [se] aproxima num instante” (MARQUES, 2009, p. 64), noturnas são as distâncias. Se a sombra dos lugares parece conter todas as estações, “bastaria um movimento de distração para afogar os cinco continentes. O mar não tem remorso...” (JABÉS, 2004, n. p.). Fabriquei dois globos, um terrestre e um celeste. No terrestre o dia tem 12 horas, no celeste é possível observar uma constelação, uma constelação vaga.

L.A.: Os trabalhos são como ideias cometidas por acidente. Tropeços, elevações, considerações e delírios na/da caminhada. Refaço a viagem entre anotações e fotografias. Chamo-as capturas. Suspeito: contêm alguma coisa que está à margem do meu próprio relato e, por isso mesmo, os episódios daquilo que, dentro da viagem, foi “a porção confiada aos acasos, dos menores aos maiores, capazes de introduzir-me num mundo como que proibido, que é o das aproximações repentinas, das petrificantes coincidências, de clarões” (BRETON, 2007, p. 27). Essas capturas, vou reconhecendo-as como marginais, imagens das margens, enquanto me percebo também clandestina no percurso.

L.O.: Passei a entender a experiência de caminhar pelas fronteiras como uma disputa, uma guerra de espionagens: tínhamos a sensação de estarmos sempre vigiados para que eles não fossem vigiados por nós. Eu procurava me camuflar para poder continuar escutando. Abrir parênteses, mudar a maneira para ouvir, dar outros sentidos ao espaço, criar pontuações estranhas, interferir e vivificar os espaços baldios, a paisagem era cacofônica.

C.B.: Solo compartilhado. Uma terra habitável. Há uma terra em comum?

Penso na palavra “terra” e suas traduções nas línguas dos países visitados. Em torno delas, dá-se voltas, podemos contorná-las de inúmeras maneiras e não chegamos em lugar nenhum. Palavra-muro. Nos resta apenas a opção de estar às suas margens. Margeando com a expectativa da fissura: em algum momento a palavra há de desmoronar e a *terra* retornará à Terra.

L.A.O: Vento. Permanecemos de bombordo a boreste nesses oceanos baldios. Sobram passos e falta água. Alguns portões fecham-se antes da nossa chegada. Outro se abriu sem esforço (esse portão estava no muro das bandeiras agitadas). Sim, “há alguém no vento” como nos alertou Guillevic (1942, p. 71). Novos músculos descobertos nas orelhas, minúsculos ajustes para alcançar outros ruídos e pistas no vento manso. O vento dessas terras gira muito e, portanto, solicita atenção.

Dos baldios

Figura 4: Volta ao mundo realizada pelo grupo “Vaga-mundo: poéticas nômades” 2016-2019. Setor de Embaixadas. Brasília, DF. Foto: Tatiana Terra



C.B.: A pedra de Trindade e Tobago, pesada ilusão de solidez: marco de uma não existência. A ausência e abolição de muros dá lugar ao mato edificante. O capim, ao ter o espaço à sua volta suprimido de tudo que o impedia de deslizar e irromper

entre as coisas, faz do monumento o marco de uma terra livre. Processo de desterritorialização de Trindade e Tobago, que estende seu território em retorno e direção ao próprio solo. O chão deixa de apenas servir como simples suporte para demarcação de fronteiras e passa a devir forças da terra. A pedra de Trindade e Tobago compreende a criação de um novo, porém, antigo território de um tempo anterior às fronteiras que ali teriam se erguido e desaparecido; dissolvidas pela erosão, fraturadas e esmagadas. Trindade e Tobago está em outro lugar.⁸

L.A.: “Os passos perdidos? Mas não existe passo perdido”, diz Nadja, enquanto toma um livro de mesmo título entre as mãos (BRETON, 2007, p. 71). Penso nos passos deixados em terrenos baldios. Na fala dos passos baldios. Esses desertos-descampados que L.A.O. um dia chamou de oceanos e assim tornaram-se descampados-desertos e oceanos baldios. Os baldios. Passar por eles era como atravessar de uma margem a outra. Grandes águas. O que diriam nossos passos? Uma língua pode ser feita da fala de passos? Passos-palavras? Passos como palavras nômades formando não toda uma língua vaga (imagino feita de muitas outras), mas talvez um tronco de língua?

L.O.: Na escuta dos sons silenciosos, na liberdade de ouvir os sons proibidos, recriar o mundo por esses novos sons, se misturar a esses sons e ao seu aspecto viajante. Dar vida a novas palavras, e, com novas palavras, novos lugares. Tornar-se os novos lugares. Recuperar a experiência valiosa, compartilhar novos países.

J.M.: O baldio é um ponto de projeção, o futuro do presente do indicativo do pensamento.

K.D: E o futuro, onde está? Num terreno vago, em ações vagas, em uma pontuação-vaga, em uma língua-vaga, em ideias vagas, numa moeda-vaga, em uma embaixada-vaga, em uma bandeira-vaga, em um tempo-vaga, em uma pontuação-vaga, em uma marcha-vaga. Em todos os lugares não visitados, em todas as latitudes não percorridas, no sul, no extremo sul, no sul extremo. No alto da montanha, na beira do rio, no jardim selvagem, nas 4 cidades de 3 países diferentes percorridas em um único dia. Na viagem que não acaba, no não visto, no não dito, na fronteira avistada. No desencontro entre a palavra e a imagem, nos ventos catabáticos, nos “sonhos feitos de maré, areia e navios” (BACHMANN, 2020, p. 154), “na pedra [que] não está

morta, [no] pavio que se ergue quando um olhar o inflama” (BACHMANN, 2020, p. 75), nas palavras corajosas⁹, no grito de alerta, no livro aberto aleatoriamente todos os dias. Nas cicatrizes do atlas¹⁰, na flor-de-todo-ano, na mesa do poeta¹¹, na beleza das coisas, lá, onde estiver. Os buracos nos mapas dão realmente em lugar nenhum?¹²

Do fim

Um diário de bordo é um caderno nômade que abre mil e um lugares. Nessa abertura para o infinito há paisagens, palavras, quilômetros, fronteiras sobrepostas, climas descompassados, fusos horários desacordados, países equalizados pela página-solo, sob uma mesma estação, sob o mesmo sol estrangeiro. Percorrer as páginas como se recorre aos mapas, reencontrar nelas o movimento pelo que permanece como rastro e que, quem sabe, seja um convite à viagem. Fechar o diário para abri-lo infinitas vezes.

Notas

1 “Para fazer um poema dadaísta. Pegue num jornal. Pegue numa tesoura. Escolha no jornal um artigo que tenha o tamanho que pensa dar ao seu poema. Recorte o artigo. Recorte seguidamente com cuidado as palavras que formam o artigo e meta-as num saco. Agite com cuidado. Seguidamente, retire os recortes um por um. Copie conscienciosamente segundo a ordem pela qual foram saindo do saco.” (TZARA, 1987, p. 42).

2 A poeta Geneviève Clancy (2005, p. 161) escreve que uma consciência *nuital* seria “capaz de dar corpo ao elo carnal que nos faz parte do universo, e nos dá o mesmo sangue que as estrelas”.

3 Deguy (2010, p. 12).

4 Como afirma Deleuze e Guattari na obra *Mil Platôs*: “[...] não possuo senão distâncias.” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 134).

5 Em referência à pintura *View of Antwerp with Frozen Scheld* (1593), de Lucas von Valckenborch.

6 CORTAZAR, Julio; DUNLOP, Carol. *Os autonautas da cosmopista*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

7 Ver o capítulo *Luzes meridianas In: MALDONADO, Mauro. Raízes errantes*. São Paulo: Ed. 34, 2004. p. 35-51.

8 Referência à Smithson em seu artigo *Incidents of mirror-travel in the Yucatan*: “Yucatan está em outro lugar” (SMITHSON, 2018, p. 133).

9 Em referência ao que escreve a poeta Alicia Gallienne: *Não sou eu que sou corajosa, são as palavras*. Ver: GALLIENNE, Alicia. *L'autre moitié du songe m'appartient poèmes*. Paris: Gallimard, 2020.

10 Em referência ao título do livro do poeta Tahar Ben Jelloun, *As cicatrizes do atlas*. Cf.: JELLOUN, Tahar Ben. *As cicatrizes do atlas*. Brasília: Ed. UnB, 2003.

11 Em referência ao título do livro do poeta Francis Ponge, *A mesa*. Cf.: PONGE, Francis. *A mesa*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

12 Em referência a Laura Riding quando escreve em seu poema *O mapa dos lugares* que buracos nos mapas dão em lugar nenhum. RIDING, Laura. *Mindscapes - Poemas*. São Paulo: Iluminuras, 2004, p. 101.

Referências bibliográficas

BACHMANN, Ingeborg. *O tempo adiado e outros poemas*. São Paulo: Todavia, 2020.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRETON, André. *Nadja*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

CLANCY, Geneviève. Méditations sur La nuit. In: ESPINASSE, Catherine; GWIAZDZINSKI, Luc; HEURGON, Edith (coord.). *La nuit en question – Colloque de Cerisy*. Éditions de L'aube, 2005. p. 161.

CORTAZAR, Julio; DUNLOP, Carol. *Os astronautas da cosmopista*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DEGUY, Michel. *Reabertura após obras*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012. vol. 3.

FONTELA, Orides. *Poesia Reunida [1969-1996]*. São Paulo: Cosac Naify; Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

FONTELA, Orides. *Poesia completa*. São Paulo: Hedra, 2015.

GALLIENNE, Alicia. *L'autre moitié du songe m'appartient poèmes*. Paris: Gallimard, 2020.

GUILLEVIC. *Terraqué*. Paris: Gallimard, 1942.

HOCQUARD, Emmanuel. Taches Blanches. In: *Le Gam: Un bureau sur l'Atlantique*. 1997. Disponível em: https://writing.upenn.edu/epc/orgs/bureau/tb_f.html. Acesso em: 12 ago. 2022.

JABÉS, Edmond. Carta a MC. In: MALDONATO, Mauro. *Raízes errantes*. São Paulo: Editora 34, 2004. n. p.

JANELA da Alma. Direção: João Jardim e Walter de Carvalho. Flavio R. Tambellini e João Jardim. Brasil: Ravina Films, Dueto Films, 2001. 35mm.

JELLOUN, Tahar Ben. *As cicatrizes do atlas*. Brasília: Ed. UnB, 2003.

KANDINSKY, Wassily. *Ponto, linha, plano: contribuição para a análise dos elementos picturais*. Lisboa: Edições 70, 1996.

MARQUES, Martins Ana. *O livro das semelhanças*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OLIVIERI, Luiz. *Extraclasse: sondagem e escuta como métodos de invenção*. 2021. 179f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

ONFRAY, Michel. *Theórie du voyage: poétique de la géographie*. Paris: Librairie Générale Française, 2012.

PEREC, Georges. *Espèces d'espaces*. Paris: Galilée, 2000.

PONGE, Francis. *A mesa*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

RIMBAUD, Arthur. *Oeuvres Complètes*. Paris: Gallimard/Bibliothèque de la Pléiade, 2009.

RIDING, Laura. *Mindscapes - Poemas*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

SEBALD, W.G. *Austerlitz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SMITHSON, Robert. *Selección de escritos*. México: Alias, 2018.

TZARA, Tristan. *Sete manifestos Dada*. Lisboa: Hiena Editora, 1987.